

## As singulares particularidades entre Literatura e Geografia

**Eduardo Muneratti\***

Na medida em que a Geografia considera a terra como habitat do homem e, ao mesmo tempo, considera pertinentes ao seu objetivo todas as realizações humanas que tenham extensão no espaço, este constitui condição de produção e da existência social, ela revela um aspecto essencial das relações entre vida social e cultural do homem e o seu ambiente natural. A relação Geografia & Literatura pode ser entendida em vários sentidos, conforme o conceito que se tenha do geográfico e do literário, conforme se ponha o acento principal no substantivo “geografia” ou no adjetivo “literário” e conforme as relações que queiramos destacar entre ambiente de vida e literatura. As relações que pretendemos destacar não são relações diretas entre o ambiente natural e a obra literária, mas relações entre o ambiente geográfico e a difusão espacial na obra literária, procurando privilegiar os centros geográficos das significações, políticos, culturais, sociais. Para apreender o conteúdo geográfico numa obra literária há necessidade de uma certa identificação do universo da subjetividade do autor que expressa a realidade segundo suas pessoais e subjetivas possibilidades de significação. Geografia e Literatura não se aglutinam, não se justapõem, não se somam, mas antes, interagem. Assim, tem-se nesse desafio de leitura interdisciplinar, uma montagem de sentidos tanto mais densos e numerosos quanto maior for a percepção dos elementos que rodopiam na esfera de suas associações. Através de processos de seleção e relação com o Geografia, escolhemos traços na construção da obra literária e na produção do espaço social que se identifiquem com o conteúdo geográfico das significações.

O suporte sociológico do romance nordestino, reproduzindo a realidade, faz um levantamento da sua região na obra literária, expõe uma realidade contraditória, que o autor vivencia e exprime em sua criação. Escolhemos para essa complexa tarefa, um escritor regionalista que usou a palavra documento para universalizar sua própria individualidade: Graciliano Ramos e a obra “Vidas Secas”. A tentativa de localizar a temática da Geografia na obra de Graciliano Ramos foi feita através da leitura alegórica ( autor e época ), da espacialidade / temporalidade em seu romance, uma análise da contextualização da obra como manifestação de uma unidade de pensamento, querendo ao mesmo tempo, entender esse espaço diferenciado de produção e de reprodução social que é o Nordeste, bem como demonstrar a maneira pela qual Graciliano Ramos, participando do mesmo, o constrói e o legitima. Nosso estudo orienta-se para entender, entre outras categorias de fenômenos, a relação homem-natureza, expressa na criação literária que retira sua substância real do espaço local para caracterizar-se como literatura regional. A escolha de Graciliano Ramos dentro da Literatura Regional Brasileira deve-se ao fato de ter sido ele o escritor que, com propriedade e visão totalizadora, conseguiu universalizar a leitura espacial de seu tempo. Dos escritores da geração de 1930, Graciliano Ramos foi, sem dúvida, aquele que participou da reelaboração da realidade de todos os “Nordestes”, em especial no romance “Vidas

---

\*

Universidade de São Paulo - Brasil

Secas “, quando realiza um inventário do espaço e do tempo na literatura regionalista do Nordeste. “Vidas Secas “é mais que denúncia; é acima de tudo decifração / revelação do drama das vidas sertanejas pobres - despossuídas até mesmo de si enquanto seres humanos - dominadas, espoliadas, marginalizadas, descarnadas, sangradas, embrutecidas, e dessa forma, sofrendo os rigores da natureza. Mas no seu interior revelam sonhos, esperanças de ressurreição, projetos de uma vida digna que naquelas condições, não podem realizar. Para tanto, nossa leitura orienta-se para a interdependência mútua entre o ser, o estar, o fazer, o sentir, e o pensar, tendo por objetivo a explicação última na própria realidade econômica, social, sócio- cultural da região. Realidade que o autor vivenciou e exprimiu em sua criação. Daí não ser menor o interesse que a obra de Graciliano Ramos oferece ao sociólogo, ao antropólogo cultural, ao cientista político, ao historiador social, ao geógrafo e a todos os especialistas em Ciências Sociais do Homem, porque sua obra se deixa observar, considerar, analisar, interpretar nas sucessivas formas de relações regionais do homem com uma natureza adversa, nas relações entre a própria população regional, dos econômica e socialmente privilegiados, com os desprivilegiados, condicionadas pelo conservadorismo da classe dominante regional ( fazendeiros e senhores de engenho) face ao desenvolvimento do modo de produção capitalista por longo tempo dominante no Nordeste, mantendo o “status quo”. O espaço criado por Graciliano Ramos manifesta um modo peculiar de ser histórico, mas, para apreender realmente essa singularidade, não basta enunciá-la apenas em uma abordagem tópica, regional, é preciso caracterizar a responsabilidade do homem- criador na legalidade desse espaço criado, como um de seus componentes ativos. A uma sociedade desigual e injusta, dilacerada, corresponde um espaço hostil, homens dilacerados, “sangrados”, desumanizados, tal como Graciliano Ramos os criou. Ao sentido, e não à composição dos elementos que formam esse espaço, chamamos de tempo geográfico das significações. A imagem de Graciliano Ramos não é meio, sustentada em si mesma, ela é seu sentido, e essa imagem é uma criação, em que a palavra não é o caminho mais curto entre uma ação e outra: é o caminho mais rico, mais denso, mais complexo. Ela é a própria ação. Um escritor da grandeza de Graciliano Ramos, é capaz de expressar, numa obra imediata e refletida, toda a afirmação da complexidade do universo da consciência, levando-nos à necessidade de não dissociar o produtor, o produzido e o contexto de sua produção em qualquer um dos caminhos a que somos levados para redescobrir a sensibilidade pela qual ele constrói a realidade histórica e social. Sobre o movimento da consciência afirma MORAES: “A capacidade do pensamento só se faz potência na apropriação /transformação do ambiente, e este é um aprendizado societário. Assim, indivíduos e sociedade não devem ser opostos na análise. Dar conta de suas relações é captar a dialética do conhecimento.” Em “Vidas Secas”, o desenvolvimento do espaço criado por Graciliano, nos chega ora por intermédio do vaqueiro: apenas Fabiano e a realidade, numa íntima comunhão ,ora do ângulo de Sinhá Vitória, ora dos meninos, ora do de Baleia, a cachorra. O espaço no qual intervém Graciliano ultrapassa para nós o pictórico, o topônimo, o corográfico. Os elementos que constituem esse espaço - nomadismo ( facticidade ), indignação sobre a condição humana ( existência e decadência ) que parecem ser o mundo de Fabiano são na verdade o avesso, à medida que o autor delineia a trajetória dos retirantes, que não têm um “chão “ para viver dignamente, produzir e se reproduzir em condições humanas. Despejado do sertão pelo flagelo implacável, sem água, sem alimento, vem somar-se ao desequilíbrio da estrutura mental do sertanejo, a questão da autoridade. Configura-se assim, o quadro de subdesenvolvimento em toda a sua crueza e complexidade “regional

“, expressão da monocultura e do latifúndio, do mando e da subalternidade, situações de desajustamento econômico e social a que o sertanejo está submetido; a determinação do espaço histórico e espaço - vida consegue dar legalidade ao espaço criado por Graciliano. O regionalismo modernista deu ênfase à criatividade em torno do território, tendo como temática o próprio indivíduo ou mesmo as experiências vividas pelo escritor. “Graciliano exprimiu, através da palavra - testemunho, o mundo magro das “vidas secas “, ao criar os personagens “na secura da fatalidade geográfica “( expressão de Antonio Cândido: 1956, p. 95 ). Entendemos a expressão “secura da fatalidade geográfica “ - o fenômeno da seca - enfocando-o no espaço das relações sociais de produção material e das vidas, e não somente uma adversidade natural. “Uma coisa é a história do povoamento e das migrações, outra é considerá-la como um movimento no espaço. Ora, é este que interessa ao geógrafo, enquanto especialista. E, para isso é preciso conhecer também a geografia da natureza, assim como o conhecimento dos espaços organizados. “Organização do espaço “, “produção do espaço “, “formação territorial “, “estudo do espaço produzido “, etc, são proposições que visam revelar o ser geográfico, conseguindo-o, mas com abordagens parciais “ ( A Aparência, o Ser e a Forma “ CORREIA, 1988, mimeografado ) Há uma relação íntima entre o ser e a espacialidade, identificando Fabiano ao seu lugar imediato como animal ou planta, oscilando entre o ser homem e o ser bicho; diante de suas condições concretas de vida opta pela condição animal. Fabiano age como um bicho, porque em assim sendo pode defender-se no mundo bruto em que vive. Como homem não pode. O destino de judeu errante que o faz vagar pela caatinga , movido por uma realidade social adversa, dilacerada, o transforma num estranho no seu país de origem, um indivíduo em movimento que sempre trabalhou, trabalha e deixa tudo para trás, em ruínas, e converte o que vem pela frente em cenários. Parte para deixar de ser quem era, numa viagem que não o leva à parte alguma em termos de si mesmo e dos seus. Mas não pode parar. Neste processo de perpétua busca, a origem e a individualidade não existem. Ele é um homem de lugar nenhum, não tem lugar neste mundo. “E preciso ter sido despossuído de toda a identidade, de todo o lugar e de toda a segurança, para viver tão dedicadamente no mundo das hipóteses. Se o que interessa ao geógrafo “é considerar a migração como um movimento no espaço, no caso de Fabiano, simbolicamente poderíamos afirmar que não é o movimento que forma a espacialidade, mas a grande imobilidade do sertanejo, a inércia do protagonista, a eterna lentidão de uma família de retirantes, numa vigília permanente a refletir entre o que são e o que querem ser. Só sabem falar a língua dos animais, a ação sem palavras, como se a chance de começar tudo outra vez já não tivesse passado. São seres que tentam fugir para acabar presos num lugar que não existe mais. O espaço fundamental de “Vidas Secas “, da realidade da população sertaneja é o lugar social. Viventes que tentam se integrar à realidade do sertão nordestino, num fluxo desfavorável do pulsar da natureza ( seca / cheia ) e das injustiças sociais ( agregação à terra alheia ) . O ser geográfico em “Vidas Secas “é esse que tenta localizar-se ( no sentido denotativo da palavra ) , que procura um lugar que lhe sirva de origem e referência mas que não passa de um ser de passagem, alguém que não é porque não se sabe de onde veio nem para aonde vai. Tudo “é partida, evasão, passagem, não tem passado nem futuro, só direções, orientações. Só memória, só geografia, só lugar de estado provisório. Um homem de lugar nenhum. Numa modernidade anti moderna, em termos de linguagem, Graciliano Ramos cria uma consciência para os atores de “Vidas Secas “onde é possível ouvir o mundo num ritmo universal, fusão entre o sensível e o compreensível ao projetar seres humanos ilhados,

aqueles que vivem uma vida fechada, dobrada sobre si mesma, mas ao mesmo tempo, uma vida sempre na defensiva como também, de outro lado, sucumbe diante da conjuntura social a que estão sujeitos. Nossa leitura pretende ir além de uma geografia descritiva para que possamos chegar à compreensão da realidade dinâmica e complexa do Sertão, através da percepção da formação da consciência dos atores na relação com o significado do espaço vivido que é parte de uma geografia explicativa, crítica que enfatiza as modificações que a ação humana promove na natureza e no próprio homem a partir dos interesses e das contradições sociais. Assombrados de si próprios, Fabiano e Sinhá Vitória representam o sertanejo aniquilado em sua estrutura mental. Ilhados no Polígono das Secas e das cercas, têm uma conduta social alterada, uma mudança no comportamento assaltados pelo flagelo que atinge essa área geográfica. Na sua dureza, o homem do Sertão se assemelha às pedras, cardos e espinhos como o mandacaru - agressivo, eriçado de espinhos. Numa terra pobre, esquecida, o indivíduo já nasce lutando contra os rigores do infortúnio, relegado à fome, ao analfabetismo, à verminose, que são os seus mais cruéis inimigos, no contexto do latifúndio e dos coronéis. Só há vida porque há o desejo de viver. E é apenas esse desejo que faz o homem do Sertão sobreviver e vegetar. Poderíamos estabelecer simbolicamente uma relação carrasco / vítima para a abordagem do espaço vivido em “Vidas Secas “. Graciliano Ramos ao retratar a realidade do Sertão, não quis propagar esperanças, mas apresentar uma realidade tão incômoda, que suscitasse em sua obra uma cumplicidade na vontade de transformação dessa realidade. Ao construir esse Sertão, através de uma visão trágica e pessimista, Graciliano universaliza o drama individual até o âmbito das relações sociais, um desvelamento de uma situação aniquiladora de qualquer possibilidade de uma vida suportável. A dimensão da existência se dá numa consciência submetida a um processo de fuga, a qual no confronto com a realidade os atores vão paulatinamente mostrando a sujeição pela sobrevivência embrutecedora do ser, se sobrepondo a um sistema de valores ao nível do humano. Na literatura regionalista do Nordeste, o elemento telúrico é importante, mas não de forma permanente, ele só se torna predominante por ocasião das secas. Só se abandona a terra, quando dela não se tem domínio, como último recurso, numa fuga lenta. Graciliano é um exemplo de escritor que expressa essa fuga. O que predomina fora do fenômeno da seca é a sua literatura social e de classe. Mais do que uma associação entre o espaço físico e literatura levamos em conta a construção de um espaço social, onde os atores, em sua dimensão histórica, política e social, num desespero sem saída configuram a formação do Sertão de Graciliano. A sua preocupação social, decorrente do problema das secas e do latifúndio, a sua largueza de horizontes, levando-o a ver não apenas o pequeno, o estritamente regional, ( a contemplação do mundo por um pequeno ângulo, tal como na etimologia latina de “regio - regionis “) , mas levando-o a descortinar o lado econômico - social do problema o qual atingindo uma localidade, acaba por atingir toda sua região, vale dizer, todo o universo descortinado. Decifrando o cerne das contradições sociais, Graciliano, através da experiência e memória cria uma obra regionalista colada à realidade como busca de adequação nela e com ela. Demonstra que existe alguma coisa de geográfico em “Vidas Secas “; não é só a seca que é representada. Há um capítulo chamado “Inverno “. Ambos impregnados de razão social, apresentando um conhecimento que vai além do topônimo, o conhecimento da paisagem social e econômica ( contexto social do vaqueiro, do agregado ). Não há em “Vidas Secas “o registro nominal do lugar. O espaço é um ponto qualquer do Sertão nordestino. Eis o aspecto universal fundamental da obra de Graciliano Ramos. As críticas sociológicas e estilísticas apontam em “Vidas

Secas “um processo de zoomorfização do humano e antropomorfização dos animais, insistindo nesse aspecto que aproxima o humano dos animais, e vice - versa. Esse processo não se esgota com esse tipo de amostragem dos elementos metafóricos ( fusão do homem e do animal pela condição social ). Tudo isso se encerraria na própria internalidade do texto . Numa leitura geográfica, orientamo-nos para a externalidade do texto e vamos encontrar uma realidade social ( mais real do que a real ) e todos os fatores que na introspecção de Fabiano nos levam a se identificar ao seu meio imediato como animal ou planta, nos mostrando numa geografia implícita - o descrever o ambiente, o comportamento dos retirantes no ambiente da caatinga, os aspectos políticos e sociais envolvidos para fechar o círculo social de questionamentos desses personagens brutos ou antipersonas que compõem a estória construída acronicamente. Atrair “Vidas Secas “ a um estudo sobre as condições de ocupação e de subsistência do sertanejo e sobre as transformações na realidade regional de hoje no Nordeste da seca, seria mais um dos elementos que poderíamos apontar na esfera das associações possíveis entre Literatura e Geografia. Nossa leitura interdisciplinar justifica-se também através da “geologia transcendental “a que Merleau - Ponty se referiu, trazendo à luz a despetrificação do espaço - tempo vivido por Graciliano Ramos na construção de seu documento testemunho chamado “Vidas Secas “. A visão crítica de Graciliano Ramos exprime a dura e amarga realidade do homem nordestino, hostilizado pelo ambiente, em constante luta pela sobrevivência, daí serem considerados - viventes - que apenas vivem em meio a relacionamentos violentos, humilhantes, dilacerantes, numa tensão permanente Homem x Homem - Natureza. A seca, a caatinga, os retirantes, enfim, o drama do nordestino, que vive numa paisagem desolada, fez Graciliano Ramos trabalhar uma análise dos aspectos sociais e geográficos do Nordeste, traduzindo uma preocupação ausente nos outros regionalistas do Modernismo. As idéias aqui alinhavadas não foram exploradas na sua totalidade. Mas abrem possibilidades para um trabalho mais apurado, num processo de interconexão entre Geografia e Literatura que poderá se desdobrar sobre os saberes já constituídos, afim de instaurar sobre eles, uma crítica no sentido de juízo e discernimento. Compreender porque e de que maneira Graciliano construiu “Vidas Secas “permite ir além das aparências do espaço geográfico e da diferenciação social espacializada, para atingirmos a reflexão em torno do diálogo que fazemos com o quadro de uma realidade terrivelmente verdadeiro que cobre de manchas sombrias o mapa do Brasil.